

Em dias de afastamento social

Hoje eu olhei pela janela da minha residência e observei a rua quase deserta. Como choveu ontem à noite, o céu está nublado, a pista ainda molhada e o ventinho que entrava pela janela, já me convidava a usar um traje mais quentinho e a tomar uma xícara de café.

Fiquei um tempo observando o horizonte. Quase nenhum passante, quase nenhum carro, apenas eu e os pássaros, que aproveitavam os raios tímidos do sol do início da manhã, nublada. Senti falta dos burburinhos da manhã e dos inúmeros trabalhadores e estudante, que fazem esse trajeto todos os dias.

Também me veio à mente: hoje eu não sairei, amanhã também não e provavelmente nas próximas duas semanas sairei o mínimo possível. E depois?

Depois eu retornarei para o meu trabalho e segurei os dias? Acredito que não! Mas também acredito que sim!

Nos primeiros dias algumas restrições perdurarão, mas depois por conta das inúmeras coisas que fazemos ao longo do dia, voltaremos e seguiremos as nossas rotinas. Claro, os hábitos de higiene permanecerão? Iremos manter os cumprimentos de cotovelos? Conversaremos os nossos segredos com os amigos, baixinho, mesmo mantendo 2m de distancia? E os almoços em família? As trocas de receitas entre os vizinhos iram desaparecer ou mudaram para o mundo virtual?

São tantas as perguntas que eu ainda estou elaborando as respostas, que por hora são incertas e fragmentadas. A única coisa que tenho certeza: eu não quero ser alguém tão triste e vazia que tenha que estocar caixas e caixas de papel higiênico e álcool em gel na minha dispensa. Tampouco ser tão triste e insatisfeita com a vida que eu apenas deseje sair para consumir estocando coisas.

Eu percebo que necessito de estoques e, por favor, bem robustos. Eu desejo sim verificar a minha dispensa pessoal para saber as quantas andam o meu estoque de respeito, amor fraterno, de gentileza (a menos que esse álcool e papel higiênico fosse para doar, não faz sentido estocar), a minha solidariedade em oferecer ajuda, a minha saúde emocional para mesmo distante geograficamente me tornar próxima com conversas e trocas de vídeos. Ser útil oferecendo conhecimentos que já tenho as pessoas que desejam aprender.

Acredito que a angustia do afastamento social fale muito mais sobre o barulho do eco de percebermos o quanto muitas vezes nós somos vazios e distantes daqueles que imaginamos estarmos perto, do que realmente da distância geográfica. É hora de nos conhecermos melhor, lembramos dos pratos com sabor de infância, tirarmos aquele livro esquecido na metade e concluir a leitura, enchermos a nossa dispensa pessoal de bons sentimentos e claro, termos novas atitudes: o bem que eu imagino fazer a minha pessoa, também refletirá no bem dos demais?

(Fabiana Barbosa)